



## Apontamentos sobre o legado intelectual de José Saramago, a partir de seis entrevistas jornalísticas

### Notes on the intellectual legacy of José Saramago, based on six journalistic interviews

Louise Soraya Chacon Silva<sup>1</sup>  
Maria do Socorro Furtado Veloso<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo visa iluminar o legado de ideias do escritor português José Saramago, a partir de seis entrevistas jornalísticas concedidas pelo autor de *Memorial do convento* e publicadas na forma de livro. O referencial teórico tem base em Jacoby (1990), Lage (2001), Rêgo (2013) e outros. A metodologia inclui análise qualitativa (Minayo, 1994). A pesquisa evidencia o modo como as entrevistas podem ser espaços de debate e preservação de memórias.

**Palavras-chave:** Entrevista jornalística; Memória; Intelectual público; José Saramago.

**Abstract:** This article seeks to shed light on the legacy of ideas of the Portuguese writer José Saramago (1922-2010), based on six journalistic interviews given by the author of *Baltasar and Blimunda* and published in book format. The theoretical background is based on Jacoby (1990), Lage (2001), Rêgo (2013), and others. The methodology includes qualitative analysis (Minayo, 1994). It was found that José Saramago used the interviews as spaces for debate.

**Keywords:** Journalistic interview; Memory; Public intellectual; José Saramago.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista Pibic/CNPq. E-mail: [louisechacon26@gmail.com](mailto:louisechacon26@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Docente associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do projeto de pesquisa “O pensamento social de José Saramago: Considerações a partir de oito entrevistas publicadas em livros”. E-mail: [socorroveloso@uol.com.br](mailto:socorroveloso@uol.com.br)



## Introdução

Único autor de língua portuguesa agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, o escritor José Saramago (1922-2010) frequentemente expressou inquietações relacionadas às injustiças sociais que afligem a humanidade. Quinze anos após sua morte, ele segue mobilizando a atenção de leitores e pesquisadores de todos os continentes, face a um legado formado não só por um vigoroso conjunto de romances, peças de teatro, poesias, contos e crônicas, mas também por sua reconhecida trajetória intelectual.

O autor de *Memorial do convento* (1982) está inscrito na história contemporânea como uma relevante voz do debate público que se fez ouvir em torno de questões relacionadas aos direitos humanos, à justiça social, à participação democrática. Como escritor, tradutor, dramaturgo, crítico literário, cronista e jornalista, o português José Saramago foi um atuante intelectual público, na acepção empregada por Jacoby (1990, p. 249): “um espírito incorrigivelmente independente que não responde a ninguém”, uma pessoa comprometida “com um mundo público e uma linguagem pública”. O papel de intelectual público, que Saramago desempenhou junto à dimensão do romancista, está presente em artigos, ensaios, conferências, debates e entrevistas.

Parte dessas entrevistas foi concedida a jornalistas e está reunida em seis livros disponíveis em língua portuguesa, editados em Portugal e/ou no Brasil. É sobre este material que nos propomos a debruçar, na pesquisa de iniciação científica ora em andamento e do qual extraímos dados preliminares apresentados neste artigo. Nessas entrevistas estão presentes o escritor, o pensador e o militante comunista, todas facetas de um mesmo personagem que se notabilizou pela relevância não só da obra premiada com o Nobel, em 1998, mas também pela dimensão de seu pensamento social.

Entendemos por “pensamento social” o significativo conjunto de ideias e inquietações que José Saramago expressou ao longo de sua trajetória, enquanto escritor, intelectual e ativista, e que comportam as mais variadas temáticas, além da própria literatura que produziu e daquela que consumiu como forma de conhecimento do mundo.

Os livros analisados foram publicados entre os anos de 1996 e 2018. São eles, em ordem cronológica: *José Saramago: aproximação a um retrato*, de Armando Baptista-Bastos (1934-



2017), publicado em 1996; *José Saramago: o amor possível*, de Juan Arias, lançado em 2003; *Uma longa viagem com José Saramago*, de Joao Céu e Silva, de 2008; *A última entrevista de José Saramago*, de José Rodrigues dos Santos, e *Conversas com Saramago*, de José Carlos Vasconcelos, ambos lançados no ano da morte do escritor – 2010; e *Por Saramago*, de Anabela Mota Ribeiro, lançado em 2018, quando se completaram vinte anos da atribuição do Nobel ao entrevistado. À exceção de Arias, que é espanhol, os demais jornalistas são de origem portuguesa.

## **1. O pensamento social de José Saramago**

Esta pesquisa está vinculada ao projeto intitulado “O pensamento social de José Saramago: Considerações a partir de oito entrevistas publicadas em livros”. Seu intuito é a investigação, por meio de leitura integral e análise de conteúdo de natureza qualitativa, de oito obras que veiculam grandes entrevistas concedidas pelo escritor. Tratam-se de livros editados em Portugal e/ou no Brasil, e que são assinados por uma autora e sete autores empenhados em desvelar os meandros do pensamento de Saramago, manifesto não só em seus escritos ficcionais e não ficcionais, mas também em suas intervenções públicas.

Esta é uma característica em comum identificada na leitura inicial de oito obras, com resultados que dependeram das intenções do projeto editorial ou mesmo da possibilidade que cada autor teve de conviver com o escritor nobelado por horas, dias ou mesmo semanas. Entre os autores estão jornalistas, ensaístas, pesquisadores e professores – alguns, muitas vezes dedicados a mais de uma dessas tarefas. Das oito obras iniciais, selecionamos as seis listadas para este artigo.

O objetivo central é iluminar o que entendemos por “pensamento social” de Saramago: o significativo conjunto de ideias e inquietações que o escritor expressou ao longo de sua trajetória, enquanto escritor, intelectual e ativista de lutas contra injustiças sociais, e que comportam as mais variadas temáticas, além da própria literatura que produziu e daquela que consumiu como forma de conhecimento do mundo.

Nossa intenção é identificar a recorrência dessas ideias e das argumentações que as lastreiam nas obras analisadas, considerando que Saramago certamente compreendia essas



instâncias como oportunidades de ampliar os espaços de interlocução e por conseguinte, de circulação e preservação de sua voz constante e sempre crítica, bem como das memórias dos tempos vividos.

## 2. Metodologia

Este estudo se constitui como pesquisa de natureza qualitativa, com base em levantamento bibliográfico, valendo-se de amostras de caráter intencional. A pesquisa qualitativa foi escolhida devido à natureza do seu objeto, pois, como observa Minayo (1994, p. 21-22), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A pertinência da opção metodológica é corroborada por Silveira e Córdova (2009, pg.32), para os quais os pesquisadores que recorrem à análise qualitativa buscam “explicar o porquê das coisas, (...) mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens”.

Nas seis entrevistas foi identificado um amplo conjunto de temáticas recorrentes nas declarações do autor de *Ensaio sobre a cegueira* (1995), das quais selecionamos previamente cinco, que vão ao encontro do problema de pesquisa: democracia e autoritarismo; militância comunista e combate ao capitalismo; as religiões e suas contradições; efeitos da globalização; acontecimentos no campo da geopolítica. A recorrência, portanto, foi um dos critérios de definição das categorias; as inquietações de Saramago em questões relacionadas a injustiças sociais também motivaram as escolhas.

Ao longo da leitura ativa das entrevistas analisadas, buscamos identificar e destacar esse conjunto de ideias. Com a identificação das recorrências no material analisado e sua classificação em categorias, pretendemos discutir a hipótese de que as entrevistas analisadas colaboram para a preservação da voz pública de José Saramago.

A pesquisa de iniciação científica ora em curso tem, entre seus objetivos, estabelecer relações entre jornalismo e memória; daí a opção por trabalhar apenas com entrevistas



concedidas pelo escritor a jornalistas, o que entendemos como amostras intencionais. Nesse tipo de investigação, os elementos “são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise” (Fragoso *et al.*, 2011, p. 78).

Para submeter os dados selecionados à análise qualitativa, tomamos como suporte teórico um referencial que nos permitisse compreender as características da entrevista jornalística em profundidade (Lage, 2001; Medina, 2000); o “lugar de memória” do jornalismo (Rego, 2013); bem como o pensamento social que Saramago construiu enquanto intelectual público – conceito-chave que emprestaremos de Jacoby (1990) e Said (2005) -, ou como menciona Oliveira Neto (2020), enquanto um atuante “homem de ideias”.

Nas seis obras analisadas, avaliamos que o método empregado pelos jornalistas autores foi o da chamada “entrevista em profundidade”. Lage (2001, p. 75) explica que o objetivo desta modalidade de entrevista “não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida”.

A esta noção podemos acrescentar as “entrevistas dialogais” (Lage, 2001, p. 77), nas quais o autor vê a “excelência” do procedimento jornalístico: “(...) entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados”.

É uma perspectiva que vai ao encontro do que Medina (2000, p. 7) identifica como “virtudes dialógicas” da entrevista jornalística. Este diálogo materializa-se por meio da humanização do contato: quando a técnica é superada pela intimidade, realiza-se o “diálogo possível”.

A ideia da entrevista-diálogo é construída por Medina a partir de Morin (1973). Para este teórico, o “diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema” (Morin, 1973, p.129). Partimos do pressuposto de que as entrevistas jornalísticas aqui estudadas são caracterizadas como diálogos



possíveis, uma vez que se nota uma busca comum, de entrevistado e entrevistadores, por ampliar os espaços de interlocução e, por conseguinte, de preservação e circulação de uma voz relevante.

Essas entrevistas também atuam na construção de uma memória coletiva, para a qual são incontestes as contribuições de um escritor que não só testemunhou, mas também refletiu e escreveu sobre as profundas transformações de seu tempo. Para Rêgo (2013 *apud* Veloso *et al.*, 2019, p. 107), o “lugar de memória do jornalismo é fator constituinte e importante da memória coletiva e da memória histórica, visto que suas imagens, mensagens, informações e notícias influem diretamente no imaginário simbólico coletivo e constituem fonte para as pesquisas históricas”.

Para a análise das entrevistas selecionadas, consideramos que José Saramago as concedeu no papel não só de escritor, mas também de ativo intelectual público, condição que assume a partir dos anos 1960, enquanto ainda trabalhava como crítico literário, e depois nos anos 1970, como jornalista e diretor de jornal, na cidade de Lisboa. A essas dimensões acrescente-se a militância no Partido Comunista Português (PCP), ao qual se filiou em 1969. O pensamento social do escritor se consolidou à medida que seus romances alcançavam um número crescente de leitores, em Portugal e no exterior.

O legado de ideias de Saramago contempla a noção segundo a qual o intelectual público tem “um comprometimento não simplesmente com um domínio profissional ou privado, mas com um mundo público – e uma linguagem pública” (Jacoby, 1990, p. 248-249). Contribuindo para esta percepção, Said afirma que o intelectual visa encontrar espaços para enfrentar a autoridade e o poder em nome dos princípios de equidade e justiça. Não se trata, portanto, de um “pacificador ou criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico” (Said, 2005, p. 35).

### **3. Análises das Entrevistas Jornalísticas**

Investigador da obra de José Saramago, Oliveira Neto (2020) afirma que, apesar de o escritor ter defendido em inúmeras ocasiões que a literatura não tem o poder de conduzir as sociedades a mudanças, o conjunto de sua obra, bem como sua atuação enquanto sujeito



político, apontam para o contrário. Para o pesquisador, a literatura de Saramago está filiada diretamente a seus posicionamentos sobre o mundo e, tomando por base o trabalho de Jean Paul Sartre, reflete sobre o que entende como “engajamento saramaguiano”.

Para Oliveira Neto (2020), “o engajamento saramaguiano reside, primeiro, na sua atitude enquanto homem de ideias, pela posição ativa frente às mais diferentes questões sócio-históricas, e segundo, no seu ato de escrita, trazendo à discussão, por meio da narrativa, aquilo que diz respeito a este seu tempo”. Baseando-se nesta perspectiva, o estudo busca identificar, nas entrevistas jornalísticas concedidas por Saramago e publicadas em livros, o “homem de ideias” que se posiciona diante de temas sociais, políticos e históricos.

Apresentamos, a seguir, uma análise preliminar das entrevistas selecionadas, buscando registrar a recorrência do pensamento do escritor.

### **3.1 Aproximação a Um Retrato, de Armando Baptista-Bastos (1996)**

Nesta obra, José Saramago fala de seus posicionamentos enquanto militante comunista. Aqui responde, por exemplo, sobre a visão de si mesmo enquanto homem de partido e escritor, ressaltando que, cronologicamente, tornou-se escritor primeiro, mas reconhecendo a importância e influência da militância em suas obras.

Eu prefiro dizer que sou uma pessoa que é, ao mesmo tempo, comunista e escritor. E que, se é preciso meter aqui uma ordem, então a ordem teria de ser necessariamente cronológica. Comecei a escrever aos 25 anos. O meu primeiro livro saiu nessa altura, quando eu ainda não era comunista, portanto, parece-me que comecei por ser escritor. Mas também é certo que os meus livros mais importantes vieram quando eu já era, formalmente, militantemente, um comunista (Bastos, 1996, p. 43).

É importante mencionar que os posicionamentos de Saramago, segundo o próprio autor, guardam vínculo com suas origens no proletariado rural português – ele nasceu na aldeia de Azinhaga, região do Ribatejo, e ainda menino se mudou com a família para Lisboa. Mantém vínculo, também, com sua experiência no proletariado industrial, visto que trabalhou como serralheiro mecânico antes de se tornar escritor.



No diálogo com Baptista-Bastos, José Saramago fala sobre o Partido Comunista Português, e aponta a característica que mais desaprovava na agremiação: a de não acompanhar as transformações sociais.

O PCP teve dificuldades, e de certa forma continua a tê-las, em entender e em assimilar as transformações por que todo mundo está a passar e em tornar-se, de modo activo, sem renunciar a nada do que é a sua herança (...) Esse continua a ser o pecado do partido, e julgo que isso tem muito a ver com a falta de reflexão teórica (Bastos, 1996, p. 46).

A atitude crítica ao próprio partido permite associar Saramago à acepção de intelectual público proposta por Jacoby (1990, p. 249): “um espírito incorrigivelmente independente que não responde a ninguém”.

Outra visão recorrente nas entrevistas concedidas por Saramago é a de sua insatisfação com os rumos da democracia. Para o escritor, faltaria ao regime a verdadeira participação popular. Na entrevista a Baptista-Bastos, Saramago reforça a defesa de um sistema democrático que seja, de fato, participativo.

(...) quando nos dizem que é uma grande coisa termos a democracia, pois claro que é uma grande coisa, mas é o mínimo, porque é a partir daí que se começa a acrescentar o que verdadeiramente falta, que é a capacidade interventiva do cidadão em todas as circunstâncias da vida pública (...) Por isso, a liberdade de imprensa, a liberdade de organização política é o mínimo que podemos ter, porque é a partir daí que começa a riqueza espiritual e cívica do cidadão autêntico (Bastos, 1996, p. 50 - 51).

Nesta entrevista, Saramago também tece críticas às religiões, particularmente ao cristianismo. Na visão do escritor, que se apresentava como ateu, “Deus não está noutra sítio senão no cérebro humano” (Bastos, 1996, p. 53). Para além da condição ateu, contudo, Saramago aponta que

(...) não existe ninguém que não tenha Deus. O único ser que não teria Deus seria aquele que tivesse nascido numa sociedade onde, desde sempre, qualquer sentido de transcendência fosse desconhecido (...) Por isso, eu, às vezes, digo que, no plano da mentalidade, sou um cristão, e não posso ser outra coisa” (Bastos, 1996, p. 52).



### 3.2 O Amor Possível, de Juan Arias (2003)

Militante comunista até o final do vida, e frequentemente crítico ao próprio partido, José Saramago foi movido pela crença de que seria possível superar o capitalismo, como se nota neste trecho da entrevista a Juan Arias, que traz uma recorrência de seu posicionamento partidário: “Imaginar que o capitalismo é definitivo seria acreditar que algo é definitivo. Pode ser definitivo no espaço; implantou-se durante muitas gerações e está aí, mas o Império romano também foi longo e acabou desmoronando” (Arias, 2003, p. 90). Para José Saramago, ser socialista é um “estado de espírito” (Arias, 2003, p. 87).

Outra reflexão presente é a insatisfação com a democracia participativa, tema já abordado com Baptista-Bastos na entrevista publicada em 1996, e que se repete nesta conversa com Arias.

Não vivemos numa democracia. Isso pode parecer uma provocação da minha parte, mas não é, salvo que se entenda por democracia a possibilidade de votar, e que depois um partido governe, que haja um Parlamento e um presidente da República ou coisa que o valha. Se a isso se chama democracia, pois muito bem, que o seja (Arias, 2003, p. 84).

Na visão do escritor, a democracia não seria um sistema suficientemente participativo. Ele defendia um modo de governo no qual a participação popular operasse além do voto:

Alguns dirão: mas nós estamos participando, votamos. Não é verdade, pois no exato momento em que a pessoa introduz o seu voto na urna abdica da sua responsabilidade, porque delega a sua responsabilidade política a outros senhores que, a partir daí, farão o que bem entenderem. A única alternativa é a participação (Arias, 2003, p. 86).

Este conjunto de ideias comporta críticas também à globalização das culturas – para Saramago, prejudicial às diferenças. No trecho a seguir, ele indaga sobre a dinâmica da globalização.

Ao reduzir todas as diferenças à unidade, impõe-se o problema de que unidade é essa a que estamos reduzindo as diferenças de todos? A primeira hipótese



seria que, de uma forma pacífica, consensual, com todo o mundo de acordo, começaríamos a viver um processo de fusão das culturas sem conflitos, sem nenhum drama, e ao cabo de algumas gerações teríamos uma uniformidade, uma única cultura para todo o mundo. Isso é possível?” (Arias, 2003, p. 114).

O escritor complementa, argumentando que a globalização seria, na verdade, uma ocidentalização das culturas, e cita a América do Norte neste contexto:

É uma falácia falar de uma globalização em que todas as culturas se misturariam, dando lugar a uma situação multicultural. O que está a acontecer agora é um achatamento das culturas pequenas por uma cultura imperialista, que é a ocidental, sobretudo a norte-americana (Arias, 2003, p. 114).

Nesta discussão, Saramago acrescenta, ainda, um questionamento a respeito do nacionalismo:

(...) quando essas culturas se sentem ameaçadas e resistem a ser liquidadas, exterminadas, os outros, os que estão a tentar ocidentalizar ou globalizar ou americanizar o mundo, protestam porque não deve haver nacionalismos. Mas aqui há duas medidas: talvez, em todo o mundo, não haja país mais nacionalista que os Estados Unidos. Então, como ficamos? O nacionalismo do pobre, do pequeno, é condenado e o nacionalismo do grande é louvável? (Arias, 2003, p. 115).

É sob essa ótica que o escritor complementa sua visão sobre nacionalismo:

No fundo, o nacionalismo é apenas aquilo a que podemos chamar sentido de pertencimento. Eu pertença a algo (...). Acho que não devemos esquecer que os nacionalismos podem tornar-se agressivos, e temos muitos exemplos disso na história antiga ou recente, mas não me parece que o eixo do debate sobre o nacionalismo deva ser esse (Arias, 2003, p. 118).

Mais à frente no diálogo, Saramago cita novamente os Estados Unidos, sempre em tom crítico: “O mal é que as pretensões dos Estados Unidos não são só econômicas. A globalização foi o primeiro passo; o segundo passo, aquele que está em curso, é a militarização do globo pelas Forças Armadas norte-americanas” (Arias, 2003, p. 147).

Outra temática recorrente nas entrevistas analisadas, “as religiões e suas contradições” também aparece na entrevista concedida a Juan Arias. Saramago chama atenção para o fato de



que muitas das guerras que já aconteceram e ainda muitas da atualidade são de natureza religiosa, afirmando que: “Se começarmos a pensar nisso, veremos que as religiões dificilmente unem a humanidade, ao contrário, no mais das vezes a dividem” (Arias, 2003, p. 101).

Ao longo de sua trajetória como escritor, algumas obras de José Saramago foram alvo de críticas da Igreja Católica, como *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1992) e *Caim* (2009). Sob esse contexto, em determinado momento da entrevista com Arias, ainda na temática das religiões, Saramago fala do papel contestador da literatura, e desse compromisso presente em sua própria obra:

A obra literária, tal como a concebo, a obra artística em geral, tem de trazer em si, ainda que de forma implícita, uma contestação, pois, do contrário, viveríamos a glosar infinitamente, até nos transformarmos numa espécie de mecanismo inconsciente com o qual se consegue dizer sempre sim a tudo” (Arias, 2003, p. 42).

Mais uma ideia retomada nesta entrevista diz respeito à influência que a religião tem em pessoas nascidas em uma sociedade onde há a ideia de Deus, temática já abordada com Baptista-Bastos. Saramago argumenta:

Não posso dizer em sã consciência que sou ateu, ninguém pode dizê-lo, porque o autêntico ateu seria alguém que vivesse numa sociedade na qual nunca tivesse existido a ideia de Deus, uma ideia de transcendência e, portanto, nem sequer a palavra ateu existiria nesse idioma. Sem Deus, não poderia existir a palavra ateu, nem a palavra ateísmo (Arias, 2003, p. 97).

Anteriormente, o escritor havia falado sobre a capacidade do cérebro humano de criar Deus. Nesta entrevista com Arias, ele explora novamente essa ideia, explicitando a razão pela qual as sociedades precisariam perpetuar suas crenças:

E eu me pergunto: e se Deus não existir? Imagine o que isso poderia significar. De imediato, no mundo da cristandade, significaria que Jesus não é Deus, e então toda a nossa cultura, toda a chamada civilização cristã se apoiaria sobre o nada ou sobre uma mentira. E acontece que a capacidade que o cérebro humano tem de criar construções magníficas, no caso concreto do cristianismo, cairia por terra (Arias, 2003, p. 99).



### 3.3 Uma Longa Viagem com José Saramago, de João Céu e Silva (2008)

A visão de Saramago acerca da democracia é uma temática recorrente nas duas entrevistas até aqui analisadas. No diálogo com João Céu e Silva, publicado em 2008, o escritor reforça sua insatisfação com este regime político, tal como o conhecemos. Aqui, José Saramago acrescenta, também, uma crítica ao neoliberalismo:

Pode [o neoliberalismo] adaptar-se, tornar-se um pouco mais social, porque também precisa de consumidores (...) porque se as condenar [as pessoas] à miséria, não lhes pode vender nada. O que há é uma falta total da discussão de ideias! (...) Considera-se a democracia uma espécie de paradigma, que está aí e acabou-se. E vamos seguindo com um regime absolutamente hipócrita, a chamar democracia a uma situação em que os cidadãos não têm outro papel senão o de votar (Silva, 2008, p. 88).

Ele retoma o debate sobre a militância comunista, associando-a a um estado de espírito já comentado com Arias, quando afirma: “Não é o comunismo que é um estado de espírito, ser-se comunista é que é um estado de espírito” (Silva, 2008, p. 89). Nesta entrevista, as críticas de Saramago ao capitalismo continuam:

Como é que havemos de distribuir a riqueza que é gerada no mundo de uma forma desigual? Não quero propor que seja equitativa – porque não sou tonto, mas por que é que a economia funciona desta maneira transvazando riqueza do pobre para o rico? Repito, não é por acaso que não se discute a Democracia como se ela fosse uma coisa paradigmática (Silva, 2008, p. 124 - 125).

No que diz respeito à globalização, Saramago também retoma este tema discutido anteriormente com Arias, ao citar que “a globalização econômica é inimiga dos direitos humanos” (Silva, 2008, p. 153).

A questão das religiões e suas contradições também aparece na entrevista com Céu e Silva. Saramago vai comentar, por exemplo, sobre sua contrariedade em relação à Igreja Católica: “É uma das marcas, digamos, da minha vida e da minha personalidade. A questão é que a Igreja Católica, é a essa que nos referimos, confundiu-se muitas vezes – demasiadas vezes – com uma associação de criminosos (...)” (Silva, 2008, p. 255). Ele questiona, ainda, métodos e dogmas da instituição, como o conceito do pecado:



Inventar o pecado foi uma manobra absolutamente genial porque se eu faço qualquer coisa, a Igreja aparece a dizer que isso é pecado (...) Tudo isso é um mecanismo de repressão e, ao mesmo tempo, uma fábrica que produz uma ideologia que nos mantém atados (Silva, 2008, p. 256).

Para Saramago, “a Igreja conformou à sua maneira a vida de cada um de nós e tem uma obsessão moldadora para formar as pessoas à sua imagem e semelhança” (Silva, 2008, p. 39).

### **3.4 A Última Entrevista de José Saramago, de José Rodrigues dos Santos (2010)**

Nesta conversa, mais curta que as demais até aqui analisadas, um assunto que ganha destaque, dentre as temáticas estudadas, é novamente o das religiões. Em determinado momento, Saramago comenta sobre a Bíblia:

No Novo Testamento aquilo que Jesus faz, pela sua ação e pela sua pregação, no fundo é inventar outro Deus, é colocar sobre o Deus do Gênesis ou do Pentateuco outro Deus. Durante o tempo real e o tempo literário, nunca Deus no Antigo Testamento se mostra compassivo (Santos, 2010, p. 45).

Percebe-se que a visão de Saramago a respeito das religiões, em especial o cristianismo, segue os mesmos rumos das entrevistas anteriores: o escritor se mostra crítico às suas contradições. Em outro momento da entrevista, José Saramago rejeita a comparação sugerida pelo entrevistador, José Rodrigues dos Santos, entre o comunismo e a religião, defendendo não haver qualquer tipo de semelhança: “Há aí uma grande diferença: é que a Igreja não fez outra coisa senão contradizer a realidade, e o comunismo pretendeu, e falhou, mudar a realidade, transformá-la” (Santos, 2010, p. 48).

### **3.5 Conversas com Saramago, de José Carlos Vasconcelos (2010)**

Este livro possui a particularidade de conter uma coletânea de entrevistas concedidas por José Saramago ao jornalista José Carlos Vasconcelos, editor do Jornal de Letras (JL), periódico português dedicado à literatura. Foram veiculadas no JL entre 1989 e 2006, mas para este estudo levamos em consideração o ano de publicação da referida obra – lançada logo após a morte do escritor, que ocorreu em junho de 2010.



A relação de José Saramago com a militância comunista e o combate ao capitalismo tem sido recorrente nas entrevistas analisadas. Assim como no diálogo com Baptista-Bastos, aqui o escritor também fala de sua relação com o Partido Comunista Português (PCP). Em certo trecho, por exemplo, Saramago afirma que não se preocupa com possíveis julgamentos do PCP acerca de sua obra.

O que acontece é que a minha relação com o partido é muito mais saudável do que isso. Eu não considero que o meu partido (...) seja competente em matéria literária e, em geral, artística. Por muito respeito que tenha, e tenho, pelos meus camaradas, não os julgo realmente tão competentes a ponto de me poderem dizer o que se faz, como se faz e se o que fiz está bem feito ou mal feito. Prefiro que gostem daquilo que faço, mas se porventura acontecer não gostarem, paciência! (Vasconcelos, 2010, p. 27).

Ainda neste livro, em entrevista de 2003, José Saramago critica a aproximação de Portugal com os Estados Unidos. Suas críticas ao país norte-americano são recorrentes nas entrevistas concedidas. Ele manifesta, em certo trecho: “gostaria, ao menos, é que Portugal não se agachar diante dos EUA, não manifestasse uma subserviência, que nos envergonha” (Vasconcelos, 2010, p. 78). Ainda no campo da geopolítica, um pouco mais à frente, Saramago critica também o estado de Israel, afirmando que esse seria “a cabeça de ponte dos EUA no Médio Oriente” (Vasconcelos, 2010, p. 82).

Ele continua a condenar as atitudes dos Estados Unidos no campo da geopolítica, ao afirmar que:

No momento em que se fala de ocupar, de colonizar, o Iraque, e que o petróleo irá para os países que tiverem colaborado com os EUA nessa ocupação, como é possível alguém pensar que se o Iraque não fosse o segundo produtor mundial de petróleo, os EUA estariam tão interessados em derrubar um ditador, que o é, como Sadam Hussein? (Vasconcelos, 2010, p. 83).

### **3.6 Por Saramago, de Anabela Mota Ribeiro (2018)**

Trata-se de uma entrevista com maior enfoque na linguagem literária de José Saramago e, portanto, não há grande recorrência das temáticas aqui estudadas. Porém, a questão das religiões também emerge aqui. Em certo momento, Saramago relembra de um comentário que



fez, incômodo ao Vaticano: “No outro dia estava na Itália e disse, com grande escândalo no Vaticano, que achou que era uma provocação infame, mais uma da minha parte, que o mundo seria mais pacífico se fôssemos todos ateus” (Ribeiro, 2018, p. 36).

Outra temática presente é o da militância comunista. A exemplo da conversa com Juan Arias, Saramago afirmou a Anabela Mota Ribeiro que o comunismo é um estado de espírito. Aqui, ele retoma e defende essa mesma ideia: “o comunismo é um estado de espírito. Dois camaradas atacaram isto, em nome do materialismo dialético. Não entenderam” (Ribeiro, 2018, p. 36).

Ao final da leitura e análise do material, observamos que as ideias do José Saramago têm recorrências em volume desigual, no caso das temáticas analisadas. No entanto, entendemos que as seis entrevistas jornalísticas permitem ampliar os espaços pelos quais a voz de José Saramago se fez presente. São obras que contribuem para preservar o conjunto de ideias expressas pelo escritor, constituindo-se como um “lugar de memória” (Rego, 2013), ao mesmo tempo que reiteram sua atuação enquanto intelectual público, iluminando algumas das causas que o mobilizaram ao longo da vida.

A análise das seis entrevistas também nos permite ir ao encontro do que afirmam Jacoby (1990) e Said (2005) acerca do intelectual público enquanto uma figura que desafia a autoridade e o poder em nome da equidade e da justiça, respondendo apenas a um “mundo público” (Jacoby, 1990). Isso porque Saramago, nessas conversas com jornalistas, expressa de forma consistente suas inquietações a respeito das injustiças sociais, políticas, econômicas e religiosas.

Notamos, ainda, o posicionamento ativo de Saramago frente às questões sócio-históricas que Oliveira Neto (2020) aponta, ao caracterizar o escritor português enquanto um “homem de ideias”. A atualidade do pensamento de José Saramago pode ser notada nas graves crises humanitárias enfrentadas por populações de todos os continentes nesses dias, o que inclui a guerra em curso entre Ucrânia e Rússia; a destruição da Faixa de Gaza; os conflitos no Sudão; a situação dos refugiados na Europa, e o crescente poder econômico e influência política dos conglomerados de tecnologia, entre tantos exemplos possíveis de serem listados.

### **Considerações finais**



Os resultados deste estudo demonstram que José Saramago soube utilizar-se das entrevistas jornalísticas como espaços de debate, como fez na literatura, principalmente para denunciar os abusos das elites de poder e suas incoerências em diferentes aspectos da realidade social. Ao reiteradamente defender posicionamentos que acreditava responder a seus ideais, o escritor ampliou a difusão de seu pensamento, posicionando-se enquanto intelectual público livre e comprometido com a luta contra as injustiças.

As seis entrevistas jornalísticas também nos permitiram refletir sobre o lugar de memória do jornalismo, uma vez que nutrem o imaginário simbólico coletivo com pensamento social de José Saramago. Ao servirem de espaço para o registro, preservação e difusão das posições do escritor acerca de questões relevantes, nas esferas da democracia, capitalismo, militância comunista e religiões, as entrevistas podem incentivar, entre seus leitores, novas reflexões sobre tais temáticas.

O estudo resultou em proveitosa experiência de análise de entrevistas jornalísticas em profundidade, tendo em perspectiva a figura de um dos mais relevantes nomes da história da literatura. Sendo assim, consideramos que alcançou os objetivos propostos, dada a importância dos conteúdos analisados na preservação do pensamento social de José Saramago, enquanto escritor e intelectual público.

Esperamos que este trabalho contribua para pesquisas que relacionem jornalismo e memória, assim como para novas investigações acerca do extenso legado de ideias deixado pelo autor de *Ensaio sobre a lucidez* (2004).

## Referências

- ARIAS, Juan. **José Saramago**: o amor possível. Rio de Janeiro: Manati, 2003.
- BASTOS, Armando B. **José Saramago**: aproximação a um retrato. Lisboa: Sociedade Portuguesa dos Autores/Publicações Dom Quixote, 1996.
- FRAGOSO, Suely. *et al.* **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais**: a cultura americana na era da academia. São Paulo: Trajetória Cultural; Edusp, 1990.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.



- MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2000.
- MINAYO, Cecilia *et al.* (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- OLIVEIRA NETO, Pedro F. **Literatura e engajamento em José Saramago**. Revista Signo, n. 45, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3yWts4E>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- RÊGO, Ana R. O jornalismo cultural na revista O Cruzeiro. 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, MG: UFOP, mai-jun. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3yXz1jc>. Acesso em 27 ago. 2024.
- RIBEIRO, Anabela Mota. **Por Saramago**. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2018.
- SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- SANTOS, José Rodrigues dos. **A última entrevista de José Saramago**. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2010.
- SILVA, João C. **Uma longa viagem com José Saramago**. Lisboa: Porto, 2008.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade II: A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- VASCONCELOS, José C. **Conversas com Saramago: os livros, a escrita, a política, o país, a vida**. Lisboa: Jornal de Letras e Ideias, 2010.
- VELOSO, Maria do Socorro F. *et al.* **Jornalismo, literatura e memória nas páginas de Blimunda**. Revista de Estudos Saramaguianos, n. 10, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/470Dka7>. Acesso em: 27 ago. 2024.